

## **FELIPE CAMARÃO, PEDRO POTY E ANTÔNIO PARAUPABA: AS LIDERANÇAS MILITARES INDÍGENAS NAS FONTES HOLANDESAS<sup>1</sup>**

João Paulo C. R. Pereira.<sup>2</sup>

No presente trabalho apresentamos algumas reflexões acerca dos resultados obtidos no segundo ano de pesquisa do projeto *Povos Indígenas no Período do Domínio “Holandês”*: uma Análise dos Documentos Tupis (1630-1654) desenvolvida através do programa institucional de iniciação científica – PIBIC – da Universidade Federal da Paraíba. Durante o primeiro ano de pesquisa, referente ao ano de 2007 a 2008, pesquisamos alguns documentos que foram produzidos durante a guerra luso-holandesa no Brasil (1630-1654), por indígenas que lutavam nos diferentes lados daquele conflito.

O primeiro conjunto é composto pelas cartas trocadas entre Pedro Poty, cristão reformado, Regedor dos Índios da Paraíba, aliado dos holandeses e, Felipe Camarão, Capitão-mor dos Índios, súdito fiel do Rei Católico, ambos da nação Potiguara. O segundo conjunto de documentos é formado pelas Representações ou Remonstrâncias de Antônio Paraupaba, Regedor dos Índios do Rio Grande, aliado dos holandeses que, em 1654, poucos dias após a capitulação das tropas da Companhia das Índias Ocidentais (WIC), vai para a Holanda e escreve, ainda naquele ano, um pedido de ajuda aos Estados Gerais, em nome dos índios “fiéis” que se mantinham firmes às investidas dos portugueses em retaliação às alianças estabelecidas com os batavos.

A proposta da pesquisa foi analisar o discurso cristão, católico e calvinista, exposto nos documentos deixados por alguns índios que participaram ativa e diretamente daquele conflito. Nestes documentos encontramos mais do que as impressões destes indivíduos sobre o conflito ou sua conjuntura. Neles observamos uma retórica peculiar de cada um dos autores, pautada em argumentos políticos, econômicos, militares e religiosos, nos quais podemos perceber elementos culturais dos três agentes envolvidos na guerra. Para nós, tal presença expressa o profundo contato, nem sempre pacífico, que os índios da região em que ocorreu o conflito tiveram ao longo de décadas, no caso dos portugueses, ou anos, contudo não menos intenso, no caso dos holandeses.

Durante os anos de 1645 e 1646, em meio à chamada guerra da restauração, as duas lideranças indígenas, Pedro Poty e Felipe Camarão, trocam uma série de cartas, nas

---

<sup>1</sup>O presente artigo é resultado de pesquisa desenvolvida no Programa de Iniciação Científica/PIBIC/UFPB com o projeto *Povos Indígenas no Período do Domínio “Holandês”*: uma Análise dos Documentos Tupis (1630-1654), durante o período 2007-2009.

<sup>2</sup> Mestrando em História/PPGH/UFPB. email: [jpauloramones@gmail.com](mailto:jpauloramones@gmail.com)

quais se confrontam, levantando argumentos no intuito de convencer um ao outro a deixarem os seus aliados e se unirem em apenas uma força. As chamadas “cartas Tupi” – conjunto de cartas trocadas entre Poty e Camarão, escritas em Tupi, durante a guerra luso-holandesa –, foram traduzidas e publicadas no início do século XX, pelo historiador cearense Pedro Souto Maior, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro<sup>3</sup>. Estas cartas são bastante reveladoras a respeito do modo como pensavam os autores, nos indicando algumas pistas das suas ações naquela guerra.

Pedro Poty, nesta carta, responde a Filipe Camarão, nos dando a impressão de que a resposta se dirige a outras tantas enviadas anteriormente pelo próprio Capitão-mor, ou por alguns de seus subordinados. A resposta de Poty está pautada em um “contra-ataque” aos argumentos econômicos, políticos, militares e religiosos, levantados por Camarão, no intuito de convencer o seu “parente” de que se encontrava aliado a “hereges” estrangeiros, a arrepender-se e voltar para junto dos seus outros “familiares”, ou seja, deixar os holandeses e combater junto aos portugueses. Bastante versado na escrita, o Regedor dos Índios da Paraíba deixa clara a sua posição, rebatendo os argumentos do Capitão-mor, incitando-o a abandonar os portugueses e unir-se a ele e aos holandeses:

Eu me envergonho da nossa família e nação ao me ver induzindo por tantas cartas vossas à traição e deslealdade, isto é, a abandonar os meus legítimos chefes, de quem tenho recebido tantos benefícios (...) Não, Felipe, vós vos deixais illudir (...) Abandonai, portanto, primo Camarão, esses perversos e perigosos Portugueses e vinde juntar-vos conosco (...) Formaremos uma força respeitável e expulsaremos esses trapaceiros e traidores. Mantenhamo-nos com os estrangeiros que nos reconhecem e tratam bem na nossa terra (...)<sup>4</sup>.

O documento publicado por Souto Maior referente a Felipe Camarão é uma missiva enviada como circular a todos os índios que se encontravam aliados aos holandeses. Esta carta tem um certo tom de ultimato, e, nela, o Capitão deixa claro que, mesmo aqueles sendo seus “parentes”, caso continuassem aliados dos holandeses,

---

<sup>3</sup> Neste trabalho utilizamos os originais de tais traduções disponibilizadas pelo Instituto Histórico do Ceará, através de sua página na internet. No livro *Igreja e Estado no Brasil Holandês*, de Frans Leonard Schalkwijk comenta a existência de mais cartas nos arquivos da Holanda além das publicadas por Souto Maior. Na realidade ele indica a existência de dez cartas, ao total, incluindo as já conhecidas, segundo referências que o autor faz baseado nas Atas Diárias do Governo do Recife. SCHALKWIJK, Frans Leonard. *Igreja e Estado no Brasil Holandês*. 3ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

<sup>4</sup> SOUTO MAIOR, Pedro. Dous índios Notáveis e Parentes Próximos. Pedro Poty e Philippe Camarão. Disponível em: [www.institutodoceara.org.br](http://www.institutodoceara.org.br).

seriam “atacados e aniquilados”. Desta maneira, Camarão se põe na carta como o verdadeiro chefe indígena Potiguara, que tem por obrigação zelar pelos seus, tal como inicia a mensagem: “Não posso deixar de cumprir as promessas e deveres contrahidos com meus avós, isso é, de vos guardar assim como a todos os da nossa raça (...)”. Nesse sentido, durante toda a carta mostrará uma grande preocupação com a “salvação” desses índios “insurgentes”, fosse ela física ou espiritual. Tenta convencê-los, através de argumentos políticos, religiosos, econômicos e militares, a deixarem os holandeses. Contudo, observamos que, por várias vezes, se refere pejorativamente aos holandeses como “hereges”, e acusa Pedro Poty e Antônio Paraupaba de induzirem aqueles índios à “perdição”, por serem tão “hereges” quanto os holandeses. Isso nos parece uma maneira de enfatizar que eles se encontram do lado errado, já que estão aliados daqueles que negam subordinação à verdadeira fé, a católica. Desta forma, é bastante emblemática a maneira como finaliza a carta: “E pensai na vossa salvação, porquanto; como verdadeiros christãos que sois, tendes não somente de cuidar da vida, mas também da alma, e deveis saber que eu, vós e todos que estão convosco somos subditos de Sua M. Catholica o Rei de Portugal (...)”<sup>5</sup>.

Além de nos darem uma idéia de como aqueles agentes conheciam bem toda a conjuntura da guerra, tecendo argumentos políticos, econômicos, militares e religiosos para convencerem seus interlocutores, os documentos nos revelam aspectos dos mais diversos a respeito da relação entre nativos, portugueses e holandeses. Ao lermos esse material, nos saltam aos olhos várias passagens em que os autores fazem uso de expressões e sentenças provenientes da doutrina cristã – seja católica, como a dos portugueses, ou reformada, tal qual a dos holandeses – explicitando, assim, uma relação intensa dos indígenas, de um modo geral, com os europeus, através de seus religiosos no intuito de submetê-los às autoridades específicas, quer fosse o Rei Católico, ou a República dos Países Baixos. Perceber esse fato é imprescindível para compreendermos o contato estabelecido entre os três agentes – indígenas, portugueses e holandeses – atentando para a dinâmica de suas relações. Considerando essa relação, analisamos o discurso cristão contido naquelas cartas, observando de que maneira aqueles índios se apropriaram de argumentos dos seus aliados, declarando a todo o momento a fé do outro para si, e os rearticularam, a partir de elementos da sua própria cultura, criando um discurso próprio.

---

<sup>5</sup> SOUTO MAIOR. **Op.cit.**

Nesse sentido, tentamos dissolver o mito da passividade indígena, recorrente na historiografia tradicional, mas que, infelizmente, ainda se faz presente no imaginário de grande parte da nossa sociedade. Aqui buscamos mostrar que, ao contrário do papel de coadjuvantes da história, atribuído aos índios por aquela historiografia, não apenas naquela ocasião de guerra, mas também, na formação histórico-social do Brasil, na nossa perspectiva, estes são partícipes de todo o processo. São sujeitos autônomos e decisivos, tanto que, dependendo do posicionamento tomado por eles, como pudemos verificar em diversos momentos da colonização, alguns episódios estariam fadados ao sucesso ou fracasso.

A partir daí, surgiu a necessidade, na continuação desse trabalho, de utilizarmos relatos de cronistas “holandeses” para tentarmos compreender de que forma estes compreendiam a participação daqueles indígenas no conflito, e até que ponto o discurso religioso era evidenciado nessas fontes<sup>6</sup>. Para justificar as alianças com os indígenas, tal como o eram entre os portugueses. Pudemos observar, nesse sentido, que nas fontes “holandesas” a preocupação em estabelecer alianças com os indígenas era recorrente, o que nos ajuda a compreender um pouco mais a questão das alianças guerreiras daquela cultura indígena, reforçando a idéia de autonomia nas suas posições político-militares.

Assim, buscamos observar como alguns cronistas a serviço da WIC – Companhia das Índias Ocidentais – retrataram a participação dos indígenas, fossem Tupinambás (os brasileiros, como chamavam) ou Tapuia, enquanto aliados dos holandeses, dando um especial enfoque àquelas três lideranças.

Basicamente as fontes “holandesas” que analisamos foram: *A história das últimas lutas no Brasil entre holandeses e portugueses*, de Pierre Moreau; *Relação da viagem ao país dos Tapuia*, de Roloux Baro; *Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil*, de Joan Nieuhof e *Diário de um Soldado*, de Ambrósio Richshoffer. Escolhemos estas fontes por relatarem os acontecimentos daquele conflito, pormenorizando, muitas vezes, a relação entre indígenas e holandeses.

O que nos chama atenção nesses cronistas é o fato de que, quando se referem à questão das alianças entre os holandeses e indígenas, priorizam a relação que os holandeses mantinham com os Tapuia, mais do que aos brasileiros ou brasileiros – tal

---

<sup>6</sup> Entendemos aqui por cronistas holandeses aqueles que estavam vinculados, de uma forma ou de outra, à Companhia das Índias Ocidentais, escrevendo de encomenda ou não para a mesma. Mas, vale ressaltar que muitos destes cronistas eram de outras regiões, como França, por exemplo.

como chamavam os Tupi<sup>7</sup> –, ao contrário do que acontece com os cronistas “portugueses”, que enfatizam suas relações com os Tupi, e o pouco conhecimento que têm dos Tapuia. Mais interessante ainda é a forma como os “holandeses” se referem a estas etnias.

Vejamos como um dos cronistas holandeses estudados, Pierre Moreau, se refere aos Tupi e aos Tapuia:

(...) Os holandeses, avisados disso [que o Rei da Espanha se armava de todos os lados para garantir a posse do Brasil], para garantir as afeições e a amizade de todos os brasileiros e tapuias que os portugueses escravizavam, tornaram pública a proibição de retê-los ou cativá-los (...) Estes selvagens [os brasileiros], criados na indolência, apreciando acima de tudo a vida ociosa e não tendo outro cuidado senão beber e comer, não se mostraram ingratos em face deste rico presente de sua liberdade restituída (...) Os tapuias, porém, nação mais brutal, que vivem completamente nus nas matas, como vagabundos (havendo alguns que habitam em comum nas aldeias ou vilas, mas se locomovem de seis em seis meses para serem sadios e andam por todos os lugares), estes nunca puderam acostumar-se e logo que se lhes apresenta um fuzil, lançam-se em terra e prontamente se levantam, sem, às vezes, dar tempo de carregá-lo novamente. Levam apenas clavas largas e chatas na ponta, feitas de uma madeira dura com as quais partem um homem ao meio com um só golpe. Entretanto os holandeses serviram-se de uns e de outros e tendo-os muito bem entrosados, seu exército realizava com eles maravilhosos progressos. Conduziam-nos pelos lugares mais ásperos e difíceis, passavam eles próprios a nado os soldados que não ousavam aventurar-se nos grandes rios, marchavam e corriam com uma velocidade incomparável adiante, atrás e ao lado, cortavam, com machados que se lhes entregara, os espinheiros e silvados espessos que tornavam anteriormente o mundo tão pequeno, levavam dois a dois numa maca, que é uma tela de algodão feita com as redes de pescadores, os oficiais cansados ou indispostos e os soldados doentes; projetavam emboscadas, levavam os holandeses a lugares onde os inimigos eram surpreendidos e mortos (...)<sup>8</sup>.

Como podemos ver nesse exemplo, dentre os vários que podem ser encontrados nas obras dos cronistas holandeses, Moreau demonstra que os tapuias são tidos como mais úteis aos holandeses, até mesmo mais confiáveis do que os brasileiros. Contudo,

---

<sup>7</sup> Conforme o pesquisador Lodewijk Hulsmann, os holandeses diferenciavam os povos indígenas do litoral e do sertão como civilizados e bárbaros: “os holandeses adotaram a divisão entre os povos de língua Tupi ao longo da costa e os Tapuia, os “não-Tupi” do interior. Os Tupi foram nomeados *Brasilianen* (“Brasileiros” ou “Brasilianos”) e esses eram vistos como civilizados ao contrário dos “bárbaros” Tapuia”. HULSMAN, Lodewijk. Índios do Brasil na República dos Países Baixos: As representações de Antônio Paraupaba para o Estados Gerais. In: *Revista de História*. n.154. São Paulo, USP, 2006 (37-69).

<sup>8</sup> Pierre Moreau era francês. Migrou para Holanda e se alistou ao exército formado pela Companhia das Índias Ocidentais, e logo se ofereceu para lutar em Pernambuco. Contudo, foi contratado como secretário de um dos conselheiros do governo holandês no Brasil. Observando todo o processo de um lugar privilegiado, Moreau descreveu não apenas o que vivenciou ao chegar ao Brasil, mas fez um levantamento dos motivos que levaram à deflagração daquele conflito e suas conseqüências. MOREAU, Pierre. *História das Últimas Lutas no Brasil entre Holandeses e Portugueses*. Tradução e notas de Leda Boechat Rodrigues. Belo Horizonte, Itatiaia/ São Paulo, Edusp, 1979.

percebe também, assim como a Companhia, que, para conseguir derrotar os portugueses e se estabelecerem na terra para produzirem em paz, teriam que obter o apoio e a colaboração destes dois grupos.

A importância atribuída aos tapuias por parte dos holandeses fica evidente no relato de Roulox Baro. A própria produção do texto já é um indicativo da relevância da aliança com os Tapuia para a Companhia. Baro é incumbido pela W.I.C. da tarefa de contactar Janduí, um dos mais importantes líderes indígenas, ou como os holandeses o chamavam, rei dos tapuia, para tentar reafirmar a aliança com eles, que havia sido abalada devido ao assassinato de um “língua” dos tapuia antecessor de Baro<sup>9</sup>, Jacob Rabbi, morto por vingança pelo holandês, Garstman<sup>10</sup>. Os índios tinham tanto apreço por Rabbi que se revoltaram e massacraram alguns holandeses pelo fato do conselho do governo do Brasil não lhes ter entregue Garstman para que fosse punido segundo a tradição dos tapuia. Como não foram atendidos, se colocaram inimigos dos holandeses e pressionaram Janduí a juntarem-se a eles contra os holandeses. Porém, aquele se manteve fiel, dizia que:

Fora e era ainda amigo dos holandeses, os quais jamais tinham dado motivo de queixa de sua fidelidade (...) ‘há vinte e cinco anos que só guerreio a favor deles e seria muito fácil para mim chegar a um acordo com os meus vizinhos e reunir aqueles que se revoltaram contra mim. Eles me odeiam porque eu não os segui e porque não fiz nas minhas terras como eles fizeram no Ceará, onde degolaram os vossos homens’<sup>11</sup>.

Além de dar ênfase aos tapuias no seu relato, Baro sempre que se deparava com um brasileiro não perdia a oportunidade de os difamar, afirmando que não eram confiáveis, que mudavam de lado conforme seus interesses, que eram traidores: “(...) Pedi-lhe [a Janduí] que não mais se fiasse nos brasileiros, pois, de outro modo, lhe pregariam alguma peça e ele não tinha razão para confiar naqueles que tinham

<sup>9</sup> Baro foi um dos “línguas” (intérpretes) da W.I.C. junto aos índios aliados. Em 1647, recebe a missão de encontrar o chefe Janduí para convencê-lo a permanecer aliado dos holandeses. MOREAU, **Op.cit.**

<sup>10</sup> Joris Garstman, oficial do exército holandês, assassinou o “língua” Jacob Rabbi. Este último gozava de bastante influência entre os Tapuia, os quais o tinham como um igual. Nas palavras de Moreau, Rabbi “escolhia os piores tapuias e com eles efetuava diversas pilhagens no país: sua morte, pois, diziam, só apresentava vantagens para o público, e Garstman fizera muito bem em vingar a morte de seu sogro, tirando do mundo um ladrão que merecia cem vezes o suplício (...)”. Contudo, os Tapuia que eram do grupo de Rabbi queriam que Garstman fosse entregue a eles. Como não foram atendidos se revoltaram e mataram muitos holandeses que se encontravam no Ceará. E ainda exigiram que Janduí se unisse a eles. MOREAU, **Op.cit.** (p.63).

<sup>11</sup> BARO, Roulox. *Relação da Viagem ao País dos Tapuias*. Tradução e notas de Leda Boechat Rodrigues. Belo Horizonte, Itatiaia/ São Paulo, Edusp, 1979. (p. 98)

abandonado a sua própria nação, à qual retornariam todas as vezes que a ocasião lhes parecesse favorável. Retrucou-me que teria cautela (...)”<sup>12</sup>.

Perceber essa diferença no tratamento dirigido a estes dois grupos é fundamental. Com base na análise do *corpus* documental constituído pelas chamadas cartas Tupi, de Camarão e Pedro Poty, e as *Remonstrâncias* de Antônio Paraupaba, as obras dos cronistas nos trazem uma nova percepção das relações entre os Tupi, os tapuia e os holandeses. Os documentos Tupi nos revelam que os líderes brasileiros eram importantes e tinham papel fundamental naquele conflito, e isso pode ser notado não só pelo fato de ocuparem altos cargos no exército, mas também pelo acesso que tinham às instâncias político-administrativa do governo holandês. Mas, por que esta importância não transparece nos relatos destes cronistas, a exemplo do que relatam a respeito dos tapuias, mais especificamente a figura de Janduí, e por que as fontes “holandesas”, de uma maneira ou de outra, fazem menção a Felipe Camarão?

Nos documentos analisados, raras são as passagens que mencionam Pedro Poty e Antônio Paraupaba. A maioria, quando os cita, referem-se ao episódio da Baía da Traição, ocorrido em 1625, quando estes vão para a Holanda, ou ao episódio das trocas das cartas. É interessante como Nieuhof descreve um episódio envolvendo as cartas enviadas por Felipe Camarão a Pedro Poty:

A 2 de novembro, o Conselho recebeu aviso do Sr. Linge, datado de 1.º do mesmo mês, na Paraíba, no sentido de que André Vidal tinha entrado naquela Capitania com 200 homens e que Camarão tinha escrito a Pedro Poti insistindo para que desertasse do nosso serviço, com seus brasileiros; recebera, também, porém, formal recusa. O Conselho enviou-lhe, como recompensa de sua fidelidade, duas peças de fino linho. Quando os portugueses começaram a se armar contra o Governo, procuraram induzir, por meio de cartas repletas de promessas, os regedores ou comandantes dos brasileiros a se reunirem a eles. Estes, porém, não acederam, ao contrário, enviaram ao Conselho, sem abri-las, as cartas enviadas por Camarão e outros chefes revolucionários, a fim de evitar que sobre eles pairasse a suspeita de manter correspondência com o inimigo. Pedro Poti era parente próximo de Camarão. Desde então os referidos chefes brasileiros se portaram tão corretamente e de tal forma atacaram os portugueses, onde quer que os encontrassem, matando-os e pilhando-os, que jamais tivemos ocasião de duvidar de suas sinceridades e intenções<sup>13</sup>.

Mencionando Antônio Paraupaba, o mesmo cronista diz:

---

<sup>12</sup> BARO, **Op.cit** (p.100)

<sup>13</sup> NIEUHOF, Joan. *Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil*. Trad. Moacir N. Vasconcelos. Belo Horizonte, Itatiaia/ São Paulo, Edusp, 1981. (p. 266)

A 18 do mesmo mês, consideráveis quantidades de provisões e munições foram enviadas aos fortes Keulen e Rio Grande (...) Antônio Paraupaba, chefe dos brasileiros, nessa região, recebeu instrução de conservar de sobreaviso os seus comandados à espera do momento de comprovar sua lealdade<sup>14</sup>.

Podemos ver que havia uma preocupação constante a respeito da fidelidade dos Tupi. Muitos são os casos em que desertam das fileiras holandesas e passam a lutar como aliados dos portugueses. Isso demonstra que as alianças firmadas não eram rígidas. Ou seja, o posicionamento daquelas lideranças, fosse Poty, Paraupaba ou mesmo Camarão, não era definitivo, dependia também dos interesses daqueles indígenas, fossem lideranças ou não, como podemos ver em alguns trechos do relato do soldado Ambrósio Richshoffer, nos quais comenta a adesão de índios contrários às tropas holandesas:

A 2 [de julho de 1630] veio à cidade um brasiliense que referiu estar o seu Capitão, com trezentos homens, inclinado a devotar-se aos holandeses. Foi muito bem tratado, sendo-lhe oferecido tudo o que havia de bom. Partiu no dia seguinte prometendo voltar dentro de quatro dias e trazer outros consigo (...) A 8 vieram novamente à cidade dois brasilienses fazendo igual oferecimento; foram acolhidos da mesma forma e deixados partir outra vez. Mostram boa vontade em passarem-se para o nosso lado (...) <sup>15</sup>.

Daí, talvez, o alerta de Baro a Janduí. Assim como Baro e Moreau, e as outras fontes, os Tapuia, mesmo sendo um povo “bárbaro”, como diziam, pareciam ser mais confiáveis do que os Tupi, que eram tidos como traiçoeiros.

Isso nos remete à questão da “inconstância da alma selvagem” que tanto incomodou os padres da Companhia de Jesus que missionaram entre os Tupi. Os jesuítas que vinham missionar no Brasil se entusiasmavam com a “facilidade” com que os índios, mais especificamente os Tupi, aceitavam o evangelho. Porém, essa adesão não era efetiva, o que acabava por decepcioná-los:

(...) O entusiasmo que sentem Nóbrega e seus primeiros companheiros depois de sua chegada ao Brasil, em 1549, diante da facilidade de conversão dos índios e dos batismos aos milhares, dá lugar à desilusão. Logo os padres têm a sensação de que os índios esquecem a religião cristã com a mesma

<sup>14</sup> NIEUHOF, *Op.cit* (p.153)

<sup>15</sup> Ambrósio Richshoffer, jovem alemão, alistou-se como soldado, em 1629, à Companhia das Índias em Amsterdã e se juntou à expedição que tomaria Olinda em 1630. Nesta obra, seu diário, descreveu toda sua empreitada, desde o seu alistamento, passando pela viagem marítima ao Brasil, todo o tempo que passou ali, até o retorno à sua terra, Estrasburgo. A edição que estamos utilizando faz parte de uma série de livros publicados pelo governo do Estado de Pernambuco em comemoração ao 350º aniversário da Restauração Pernambucana, pela editora CEPE, em 2004. RICHSHOFFER, Ambrósio. *Diário de um soldado: (1629-1632)*. Tradução de Alfredo de Carvalho. Recife, CEPE, 2004. (p. 89-90).

facilidade que demonstram para se converter, e se questionam sobre a possibilidade da conversão dos índios (...) <sup>16</sup>.

Num ensaio intitulado “A Inconstância da Alma Selvagem”, o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro analisa, a partir do “Sermão do Espírito Santo”, escrito pelo Padre Antônio Vieira, em 1657, se referindo ao início das missões da Companhia no Brasil, àquilo que mais intrigava aos padres jesuítas naquela missão: a inconstância dos índios. Neste sermão, o jesuíta faz uma comparação entre as estátuas de murta e as de mármore, que representam, respectivamente, o indígena do Brasil e o nativo do Oriente. Essa analogia se refere à aparente “facilidade” com que os missionários trabalhavam a catequese junto aos índios, assim como o jardineiro trabalharia uma escultura de murta. Dizia Vieira:

Eis aqui a diferença que há entre umas nações e outras na doutrina da fé. Há umas nações naturalmente duras, tenazes, e constantes, as quais dificilmente recebem a fé e deixam os erros de seus antepassados; resistem com as armas, duvidam com o entendimento, repugnam com a vontade, cerram-se, teimam, argumentam, replicam, dão grande trabalho até se renderem; mas, uma vez rendidas, uma vez que recebem a fé, ficam nelas firmes e constantes, como estátuas de mármore: não é necessário trabalhar mais com elas. Há outras nações, pelo contrário – e estas são as do Brasil – que recebem tudo o que lhes ensinam com grande docilidade e facilidade, sem argumentar, sem replicar, sem duvidar, sem resistir; mas são estátuas de murta que, em levantando a mão e a tesoura o jardineiro, logo perdem a nova figura, e tornam à bruteza antiga e natural, e a ser mato como dantes eram (...) <sup>17</sup>.

Essa “inconstância” também se fazia presente nas alianças firmadas entre os Tupi e os europeus, quer fossem portugueses, quer holandeses. O que nos mostra que estes índios agiam conforme seus próprios interesses, e não simplesmente como subordinados aos europeus como durante muito tempo se acreditou.

Em quase todas essas fontes “holandesas” encontramos menção a Felipe Camarão, até páginas inteiras relatando suas ações no comando das tropas de índios contra as forças da WIC. Certamente o Capitão-mor não era visto como mais confiável do que Poty e Paraupaba para os holandeses, mas estes sabiam que precisavam tê-lo como aliado. Tanto que este também é instado a deixar os portugueses e se aliar aos holandeses.

---

<sup>16</sup> CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. *Operários de uma vinha estéril: os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil – 1580-1620*. Tradução de Ilka Stern Cohen. Bauru: Edusc, 2006. (p. 102).

<sup>17</sup> CASTRO, Eduardo Viveiros de. *A Inconstância da Alma Selvagem e Outros Ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2002. (p. 184)

O que nos intriga é o fato da pouca relevância, ou mesmo o menosprezo que os cronistas “holandeses” dão aos seus aliados Tupi, se comparados ao que é dado aos aliados Tapuia. A que isto se deve? Será mesmo o problema da infidelidade, ou falta de competência nas ações dos líderes Tupi aliados? E os Tapuia, até que ponto se mantinham tão fiéis aos holandeses? Em alguns cronistas podemos ver que os Tapuia também trocaram de lado, e as suas lideranças eram assediadas, como Janduí o fora em algumas ocasiões.

A história da relação entre indígenas e europeus, principalmente a que diz respeito aos holandeses, ainda está no início. Muitos dos documentos produzidos pelos “holandeses”, que poderiam nos ajudar a esclarecer essa problemática, ainda não foram publicados, encontram-se nos arquivos da Holanda, à espera de pesquisadores que possam ir até eles. Apenas com estudos mais aprofundados das fontes “holandesas” é que poderemos entender um pouco mais sobre a cultura dos Tapuia, a forma como firmavam suas alianças e guerras, coisa ainda insuficiente pela falta de informações a respeito desses grupos.

Na contramão disto, Felipe Camarão foi transformado em herói – ressaltando-se que apenas o foi depois de ter sido “civilizado”, como o quis Varnhagen, lutando pela honra da igreja e da coroa portuguesa<sup>18</sup>. Seria realmente este fiel, confiável, para a coroa portuguesa, como a historiografia brasileira nos fez acreditar? Teria Camarão deixado para trás a “inconstância” característica da sua cultura?

Acreditamos que, na realidade, Camarão compreendia que gozava de um lugar de destaque na sociedade colonial portuguesa, o que lhe proporcionava grande prestígio entre os diversos grupos indígenas – do rio São Francisco ao Maranhão. Não acreditamos que estivesse lutando naquele conflito simplesmente em honra da coroa portuguesa, como o quis Varnhagen. A uma primeira vista, quando observamos as ações de Camarão, temos a clara certeza de que o mesmo está completamente submetido à Coroa, que suas ações não visam outra coisa se não a defesa da mesma. Contudo, se observarmos com cuidado, veremos que ele agia segundo seus próprios interesses, pesando as vantagens de suas ações, assim como faria qualquer um dos líderes ancestrais de seu grupo.

O que todos os relatos nos revelam é algo ainda mais profundo nessas relações de alianças: o papel ativo que os indígenas, quer Tupi ou tapuia, tinham nesse conflito.

---

<sup>18</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História das Lutas com os Holandeses no Brasil desde 1624 até 1654*. (1871). Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002.

Longe de serem submissos às ordens dos europeus, os indígenas aparecem nos relatos como independentes, sendo necessário o convencimento, através de benefícios oferecidos pelos europeus para que eles acabassem por aderir às suas fileiras. Nesse sentido, podemos imaginar que o incômodo causado pela inconstância dos brasileiros aos holandeses se dá por estes não conseguirem a fidelidade e lealdade necessária na luta contra os luso-brasileiros.